



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE INTEGRAÇÃO DE AULAS - CIA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - DCSA  
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL**

**EDNALDO DA COSTA BRAZ**

# **Corpos que se TRANSformam: a (re)invenção dos corpos das travestis**

Campina Grande – PB  
Outubro/2013

EDNALDO DA COSTA BRAZ

## **Corpos que se TRANSformam: a (re)invenção dos corpos das travestis**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Serviço Social da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de graduado.

Orientadora: Doutoranda. Jussara Carneiro Costa

Campina Grande – PB  
Outubro/2013.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL  
CIA1 – UEPB

B826c Braz, Ednaldo da Costa .  
Corpos que se transformam: a (re) invenção dos corpos de  
travestis./ Ednaldo da Costa Braz. – 2013.

27 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço  
Social) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências  
Sociais e Aplicadas, 2013.

“Orientação: Profa. Dra. Jussara Carneiro Costa,  
Departamento de Serviço Social”.

1. Transformação. 2. Corpos. 3. Travestis. I. Título.

21. ed. CDD 306.766

EDNALDO DA COSTA BRAZ

**Corpos que se TRANSformam: a  
(re)invenção dos corpos das travestis**

BANCA EXAMINADORA:

Jussara Carneiro Costa Nota: 10,0

Profª. Doutoranda Jussara Carneiro Costa

-Orientadora-

Marília Tomaz de Oliveira Nota: 10,0

Profª. Dra. Marília Tomaz de Oliveira

-Examinadora-

Patrícia Cristina de Aragão Araújo Nota: 10,0

Profª. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo

-Examinadora-

Aprovada em: 18/10/13

Nota final: 10,0

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo de estudo a construção dos corpos das travestis, através de reflexões acerca os mecanismos de auto identificação e os recursos utilizados para a construção dos corpos de maneira que possam adequá-los a suas identidades de gênero femininas; bem como um acompanhamento do trajeto a ser traçado para a (re)construção destes corpos numa perspectiva queer, a partir da representação destes como seres abjetos (que não deveriam existir) e que são invisibilizados no meio social por serem considerados/as uma ameaça às normas estabelecidas da sociedade hegemônica. Procurou-se compreender como se dá o processo de transformação dos corpos, as relações envolvidas, os modos de ser e estar no mundo, a discriminação, a transfobia e políticas públicas para as travestis. Essa temática proposta visa dar visibilidades para as travestis de maneira que possam ser reconhecidas pelas suas identidades de gênero femininas em específico que possa trazer o debate acerca do tema de forma que favoreça a desconstrução do preconceito e discriminação na sociedade.

**Palavras chave:** Transformação; Corpos; Travesti.

### **Bodies that turn: the (re) invention of bodies of transvestites**

The present work aims to study the construction of the bodies of transvestites, through reflections about the mechanisms of self-identification and the resources used for the construction of the bodies so that they can tailor them to their female gender identities. As well as monitoring the path to be traced to the (re) construction of these bodies in a queer perspective, from the representation of these abject beings (which should not exist) and are invisible in the social environment by consider / as a threat to established norms of hegemonic society. We sought to understand how is the process of transformation of bodies, the relationships involved, modes of being in the world, discrimination, transphobia and policies for transvestites. This theme aims to give visibility proposal for transvestites so that they can be recognized by their gender identities in particular female who can bring the debate about the topic so that favors the deconstruction of prejudice and discrimination in society.

**Keywords:** Transformation; Bodies; Transvestite.

## SUMÁRIO

Introdução.....	07.
1. Travestis e seus Modos de identificação ou construção de identidades Travestis.....	10.
2. A travessia pelos limiares da categorização feminina.....	14.
3. Corpo em transformação e reconhecimento .....	18.
3.1 Mudanças corporais e os dispositivos utilizados.....	21.
Considerações Finais.....	26.
Referências.....	27.

# Corpos que se TRANSformam: a (re)invenção dos corpos das travestis

**Ednaldo da Costa Braz**  
**Orientadora: Jussara Carneiro Costa**

## Introdução

Há um aumento significativo de produções bibliográficas e artístico-culturais enfatizando questões ligadas à construção dos corpos, para além da questão biológica, compreendendo como os mesmos ganham novas formas, contornos, representações para sua existência, de maneira que a partir das modificações realizadas tornam-se excluídos/as do meio social que legitima, pela combinação de argumentos religiosos e científicos que normatizam.

Ao elaborar este artigo direcionado para a construção dos corpos travestis, parti de uma curiosidade em desvendar as estratégias utilizadas por cada uma de nós para realizar mudanças corporais<sup>1</sup>. Partindo de meu desejo em transformar o meu corpo, em vivenciar a minha identidade de gênero feminina, passei a fazer parte da página hormônios para trans (travestis e transexuais) no facebook, foi quando deram início aos diálogos acerca da temática. Assim, delineei como objetivo dialogar com travestis para identificar os mecanismos de auto identificação e os recursos utilizados para construção dos corpos de maneira que possam se adequar as almejadas identidades de gênero femininas, bem como abordar os fatores em relação à construção de

---

<sup>1</sup> Em alguns momentos escreverei no singular, quando estiver situando o percurso da pesquisa que serviu de base para a construção do artigo, e no plural, quando estiver me incluindo na categoria social travestis. Para tanto tomei como base as epistemologias e conhecimentos feministas que, dentre outras coisas, propõem, o exercício reflexividade sobre as experiências de indivíduos subalternizados ao invés da objetividade descorporificada (HARAWAY,1995; HARDING, 1987) como condição para interferir na percepção do masculino e feminino como dados naturais; que não evita o corpo que fala, impossibilitando o truque mítico de deus de ver tudo de lugar nenhum” mas não se mostra (HARAWAY, 1995, p.19). Há uma preocupação em minha experiência para assumir minha identidade de gênero feminina, por conviver em uma família conservadora, fundamentalista e por não ter a minha independência econômica. Bem como preocupações acerca dos efeitos que os hormônios possam fazer em meu corpo, principalmente pelo uso de silicone industrial que deforma os corpos de muitas travestis, além do medo constante de ser violentada nas ruas por conta da transfobia. Enfim, são essas questões que procuro desenvolver neste trabalho de maneira que me incentive a práticas a serem desenvolvidas por mim.

sua auto-imagem e as conseqüências que estes acarretam para suas/nossas vidas.

Travestis são percebidas como sujeitos que embarçam as fronteiras entre macho/fêmea/homem/mulher, cujos corpos apresentam-se como o diferente que atravessa o que está posto como norma. Neste percurso, o homem biologicamente falando não se enquadra nessa concepção estabelecida e, desta forma, passa a assumir papéis sociais postos para o feminino, tentativa seguida de (re) construção dos corpos de acordo com o entendimento daquilo que representa o feminino. As estratégias utilizadas como possibilidade de chegar ao corpo desejado apontam para a instabilidade, fragilidade e frouxidão das amarras do que se inscreve como biológico, natural, fixo e imutável. Esse fator de mudança se expande para todas as áreas de vida, como por exemplo, a família, a escola, o mercado de trabalho; embora consigamos demonstrar com a nossa transformação a plasticidade de conceitos como sexo e gênero e do sistema que as regula, somos taxadas de estranhas, diferentes, anormais. Por mais feminina que sejamos ou nos tornemos, ainda assim somos percebidas como uma versão defeituosa do sexo masculino, como se não conseguíssemos negar o fato de ter nascido “macho”.

A nossa classificação como anormal parte da idéia que há uma normalidade. Segundo MISKOLCI (2002/2003) esta seria uma construção histórica, visando atender a uma moral concebida por determinados valores de uma sociedade em determinada época, geralmente referenciada por um “modelo” de cidadão tendo como características o ser branco, masculino, viril, heterossexual e burguês, já que a norma se apresenta como um princípio de qualificação e correção daqueles/as que não estarão enquadrados. Portanto, a produção da normalidade é intencional, histórica sendo desta forma instável, contingente e mutável de acordo com o contexto histórico.

Ainda de acordo com Miskolci (idem), anormais representam o poder de resistência à normatização, extrapolando a ordem vigente; à medida que fogem deste processo de normalização que tem como função disciplinar os sujeitos para a reprodução da ordem social, passam a ser classificados/as como “desviantes”, “degenerados/as”, uma condição herdada e definitiva; em que o processo teve um intuito disciplinar, de controle social juntamente com o desenvolvimento do capitalismo e da sociedade burguesa a partir da

Revolução Burguesa do século XVIII, no qual se cria uma forma de normatizar a população através do poder da disciplina. Assim, o anormal nada mais é do que um sujeito que apresenta um estilo de vida diferenciado do projeto normativo burguês, sendo considerado um desvio das normas consideradas padrão para a sociedade. À medida que ultrapassamos as normas impostas somos consideradas uma ameaça ao bom funcionamento, à ordem social e política, sendo nomeadas enquanto abjetos,

[...] algo pelo que alguém sente horror ou repulsa como se fosse poluidor ou impuro, a ponto de ser o contato com isso temido como contaminador e nauseante. [...] Quando alguém xinga alguém de algo, por exemplo, quando chama essa pessoa de “sapatão” ou “bicha”, não está apenas dando um “nome” para esse outro, está julgando esta pessoa e a classificando como objeto de nojo. A injúria classifica alguém como “poluidora”, como alguém de quem você quer distância por temer ser contaminado (MISKOLCI, 2012, p. 40).

Dessa maneira, a abjeção expressa para os que não se enquadram na norma que a sociedade não quer ver e/ou nega sua existência como forma de repúdio, de maneira que constitui uma experiência de ser temido/a, recusado/a, humilhado/a e relegado/a ao desprezo coletivo; aquele ser que não deveria existir, pois suas vivências podem subverter a ordem estabelecida. Pela abjeção, nós, as/os estranhas/os nos tornamos incognoscíveis, ininteligíveis, algo que procura uma explicação que não se encontra, destituídas/as de qualquer possibilidade de nos constituirmos como sujeito.

Atrelado a esse fator encontra-se a heteronormatividade, como uma ordem sexual fundada no modelo heterossexual, familiar e reprodutivo, instauradora de uma ordem na qual práticas sexuais e identificações de gênero que não se prestem a finalidade da reprodução são vistas como sintomas de crime, doença e imoralidade. Tais práticas encontram lugar também no meio LGBT através de processos de regulação e controle das práticas sexuais, não no sentido de se tornarem heterossexuais, mas que vivam a partir de um modelo coerente baseado na heterossexualidade.

Resultante destes processos de construção sociocultural com base nas diferenças sexuais legitimadas no conceito de gênero que segundo Scott (1995) se refere à forma como são percebidas e significadas às diferenças entre os sexos, constituindo, portanto, um campo que estabelece critérios para se acessar o poder que circula na sociedade que geralmente tende a

referendar relações baseadas na dominação masculina, branca, ocidental e, “é claro”, heterossexual. Assim, ao passo que o gênero se torna uma maneira de indicar as construções sociais “corretas” ou “normais” estabelece também o princípio masculino como parâmetro universal, implicando que “homens” identificados com atributos e qualidades femininas sejam vistos como inferiores, anormais ou defeituosos. E vice-versa!

Segundo FOUCAULT (1984) o termo sexualidade só veio a surgir no início do século XIX, instaurando um conjunto de regras e normas, em parte tradicional e em parte nova, se apoiando em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas, constituindo-se como forma de enquadramento que induz os sujeitos a serem classificados a partir de suas práticas sexuais. A partir deste aparato de regras e normas somos levados a nos portar enquanto “sujeito normalizado” (auto) vigiadas/os.

## **1. Travestis e seus Modos de identificação ou construção de identidades Travestis**

Os sentimentos de pertencimento travesti passam a ser construído a partir de uma onda de encantamento/desejo ao que está posto para o feminino, um momento certo para “aflorar”, se ainda na infância ou simplesmente quando nos sentirmos à vontade para nos (auto) identificarmos ou sermos “pelos outros” identificadas como mulher. Para Benedetti,

é ainda na infância também que o primeiro contato com outras travestis acontece, seja através da televisão ou mesmo nas ruas das grandes cidades onde estas personagens há tempo deixaram de ser obscuras e pouco visíveis. A primeira visão ou contato com outra travesti é sempre lembrada com muito entusiasmo e emoção e é marcada necessariamente por um processo de auto-identificação. (BENEDETTI, 2000, p. 95).

Isso não significa que todas as travestis passem por esse processo desde a infância. Para aquelas que vivenciam tal realidade é no ambiente hostil familiar que esse imaginário irá se desenvolver de maneira que lhe exponha como um ser diferente, transgressor dos papéis sociais por mais que estejam iniciando a construção do conhecimento de um universo social completamente diferente do vivenciado por ele/ela.

Logo, percebemos que a construção histórica social de homens e mulheres vem sendo um definidor das novas formas de existir no mundo, em que constroem novas formas das relações de gênero, trazendo assim a construção de um novo corpo. Pereira (2006) apresenta uma discussão propondo que a construção de um novo corpo se pauta a partir de performances dos sujeitos que não se conformam em e com seus corpos e como nas práticas cotidianas procurando adequar corpo, sexualidade e gênero, de forma a reinventá-lo.

As relações de gênero são visibilizadas a partir de um viés androcêntrico, de forma que aquilo não inscrito neste viés passa a ser considerado inferior, submisso, que não tem valor, legitimando uma supremacia masculina. Logo as travestis serão associadas ao feminino quando não a um ser traidor da causa masculina, que estará sempre associada à força, a valentia, atributos de virilidade naturalizados para a figura masculina. A virilidade não está relacionada necessariamente a potencia sexual, mas ao domínio de uma esfera privada, na qual se localizaria a família, composta por mulher, prole e/ou agregados/as e quanto maior for à família, maior prova de virilidade será legitimada; e de uma esfera pública, na qual as provas de virilidade requerida passa pelo controle de outros homens, como por exemplo, no domínio da política, religião, artes, dentre outras esferas consideradas públicas, como bem observa Miskolci (2012). Outra questão importantíssima levantada por este autor refere-se ao fato de que quase sempre esse ideal de masculinidade está associado à construção do ideal de nação, impregnado a estruturação do próprio formato que os Estados passam a adquirir. Para que haja essa reprodução da masculinidade,

os meninos aprenderão desde cedo a desvalorizar aquilo que sentem e que não está diretamente referido a seu pênis. [...] O padrão masculino inicia-se em um mundo onde acreditam ser os melhores só por serem homens. O fio condutor para o sucesso é a preparação para o trabalho e para a iniciação sexual (NOLASCO, 1993, p. 42-43).

A partir da não reprodução deste modelo diuturnamente tem que conviver com críticas e transfobia, em decorrência de sermos responsabilizadas por não exercermos nossa masculinidade e não nos portarmos como “homens” viris. Logo passamos a sermos reconhecidas como

“homens ou mulheres” portadoras/es de alguma anomalia que impede que reconhecamos em nossa natureza/biologia, pois os mecanismos produzidos impedem que sejamos identificadas simplesmente como,

[...] pessoas que nascem do sexo masculino ou feminino, mas que tem sua identidade de gênero oposta ao seu sexo biológico, assumindo papéis de gênero diferentes daqueles impostos pela sociedade. Muitas travestis mudam seus corpos através de hormonioterapias, aplicações de silicone e ou cirurgias plásticas, porém vale ressaltar que isso não é regra para todas (Definição adotada pela Conferência Nacional LGBT em 2008). (BARRETO, Andreia (Orgs.) et. AL. 2009, p. 47).

É de fundamental importância a construção de um novo olhar sobre as travestis como sujeitos que entram em desacordo com seus corpos e partem para adequá-los de acordo com sentimentos de pertencimento ao feminino, seja através de intervenções diretas através de terapias hormonais, aplicação de silicone e uso de toda uma sorte de indumentária associadas aos estereótipos estabelecidos para o feminino.

Segundo VANNUCHI (2010), são múltiplas as identidades de gênero que podem estar pensadas de forma cristalizadas, definitivas, ao mesmo tempo em que sendo reconhecidas como resultantes de práticas sociais históricas nas quais as travestis saem da posição central exclusiva para homens e adentram o espaço existente para o feminino, o espaço da submissão.

As travestis mulheres passam a se perceberem como mulheres do sexo feminino independente de ter um órgão genital masculino, ao construírem suas subjetividades de forma que se configura como mulher que se realiza por mais que não sinta vontade para a realização de cirurgia de reparação genital.

Quando falamos em subjetividades, estamos nos referindo às diversas maneiras com que as pessoas são colocadas à disposição do campo social; como cada uma delas irá construir suas vivências dentro de discursos normatizadores de maneira que os valores, os sentidos, e tudo o que esteja ligado ao ser humano seja construído a partir de um modo de existir no mundo, estabelecido a partir de “processos de subjetivação”, como afirma GUATTARI e ROLNIK (1986); em que cada um dos sujeitos perpassa desde o seu nascimento a uma rede de saber-poder que estará determinando os modelos existenciais a serem seguidos dentro de um campo de possibilidades de

vivências, diferentemente de uma única forma “normal” de vida imposta para todos que é a vivência heterossexual.

Logo, assumir identidades de gênero femininas significa ultrapassar as fronteiras da normalidade imposta como única forma de vivência. Para STOLLER (1993, p. 28) a identidade de gênero está diretamente relacionada a uma “mescla de masculinidade e feminilidade em um mesmo sujeito, de modo a representar que tanto a masculinidade quanto a feminilidade podem ser encontradas em todas as pessoas, de forma e graus diferenciados” sendo necessário compreender que esses modos de vivenciar a sexualidade não são dados através da forma biológica, mas repassados através da cultura, da identificação de cada um/a com os modelos de sexualidades existentes.

Segundo LOURO (1997) as identidades de gênero vivem uma instabilidade constante, não havendo a fixidez, mas uma permanente transformação. Nada é para sempre, vivemos nos construindo cotidianamente, assim também são as identidades, não são dadas ou acabadas em um determinado momento. Não são estáveis, portanto sempre possíveis de transformação. Estar cruzando as fronteiras do que está posto como norma é a maneira pela qual os sujeitos se utilizam para transformar-se no que almejam. Logo,

cruzar fronteiras, por exemplo, pode significar simplesmente mover-se livremente entre os territórios simbólicos de diferentes identidades [...] não respeitar os sinais que demarcam – ‘artificialmente’ – os limites entre os territórios das diferentes identidades (SILVA, 2009, p. 88-89).

Ao classificar as travestis como sujeitos que ultrapassam as fronteiras estabelecidas entre os gêneros, estamos sugerindo que construímos nossas identidades mesmo com a presença dos limites normatizadores que seguem o ideário de estabelecer o que serve para homens e o que serve para mulheres. Elas são os sujeitos de desconstrução destes lugares postos para homens e mulheres, passando a construir outra forma de vivenciarem suas sexualidades de modo a produzirem novos modos de existir no mundo.

A comprovação da fluidez das identidades parte da artificialidade das identidades de pessoas travestidas e das que se apresentam como drag-queens, construindo uma identidade subalterna. Para Butler (2003), as identidades de gênero partem das expressões de gênero que são construídas

a partir das estratégias discursivas e socioculturais na qual performamos um devir (vir a ser) em contraposição ao ser fixo e estável como possibilidade de legitimar a identidade em um processo de movimento e transformação.

Um dos traços caracterizadores da matriz heteronormativa é exatamente a diferenciação dos corpos em dois gêneros: o masculino e o feminino. Ao serem performatizadas como a reunião em um só corpo, de traços de identidade dos dois gêneros, travestis tornam-se “corpos abjetos”, que não se conformam ao modelo hegemônico, que não deveriam existir, corpos desfeitos, indesejados, cuja exclusão serve para legitimar a construção do gênero que institui as “sexualidades desviantes”, aquelas que fogem as normas impostas pelo social.

A partir do conceito de fluidez, de transformação, os sujeitos passam a construir suas identidades de acordo com a necessidade do momento. Ao construir uma identidade feminina, esta carrega em si uma série de significações e papéis culturais e sociais a serem desempenhados. Assim são as travestis, numa tentativa constante de se construir, ou melhor, de adequarem suas identidades de gênero femininas aos seus corpos.

## **2. A travessia pelos limiares da categorização feminina**

A construção da estética corporal das travestis se torna uma necessidade de forma que metamorfoseiem seus corpos através do processo de “TRANSformação” em que cada uma de nós, percorre(mos) um trajeto social de lutas, de invisibilidades, mas também de conquistas até a adequação às identidades de gênero feminina, sendo portanto de fundamental importância os melhoramentos destes corpos que se desnaturalizam a todo o tempo, de maneira que seja introjetado em nós travestis o fator de mudança, a partir do ato de agregar sentidos, formas e desejos ao imaginário do que é reconhecido para o feminino.

Portanto, percebemos claramente a importância da semelhança a ser alcançada em relação ao corpo feminino, pois o modelo do corpo desejado é legitimado pela mídia que expõe diariamente um estereótipo de mulher “brasileira” com corpo forte, destacando as coxas definidas, bundas arredondadas e avantajadas, seios fartos, enfim um modelo estereotipado da

mulher moderna, de forma que tanto mulheres, travestis e transexuais passam a reproduzir como única forma de serem mulheres de “verdade”.

São as mulheres-travestis ou mulheres trans que por onde passam chamam a atenção de homens e mulheres através de seus corpos definidos e malhados de formas arredondadas e musculosas. São corpos que carregam em si o significado da “beleza” como se a única possibilidade de ser desejada fosse através de um corpo que esteja dentro dos padrões aceitáveis do que passa a ser ditado em relação à beleza nos dias atuais.

Por esse processo de transformação, encontramos o sentimento de pertencimento ao gênero feminino que travestis perpassam por arranjos e desarranjos dos seus lugares sociais, das formas de ser e de estar no mundo, de maneira que se constituem diferentemente dos padrões impostos no meio social que passa a legitimar determinadas formas de comportamento pré-estabelecidas para cada uma/um de nós. Para a mulher cabe a representação da emoção e ao homem a razão, ao mesmo que passa a estabelecer o papel de cada sexo para a sociedade,

as meninas são atribuídos qualificativos como passividade, docilidade, desejo de poder em seu território nacional, o lar, instinto de maternidade, romantismo, enquanto que o sexo masculino corresponde a vocação de poder, a capacidade de tomar iniciativas, tenacidade, desejo de liberdade, e racionalidade [...] (RAGO, 1985, p. 83).

A partir do momento em que não mais se reconhecem nestes lugares, passam a negar o corpo masculinizado, através de táticas que desvendem o que deve ser mostrado, visto por elas e pela sociedade como um todo; construindo e desconstruindo o corpo desse momento em diante, ao trazer para si o que está posto para o outro (feminino), o que não seja reconhecido na masculinidade, mas traz satisfação ao permitir o auto-reconhecimento, através do espelho, como mulher. Conforme observa Pelúcio (2005), elas (nós) passam(os) a construir um corpo e cuidá-lo como sendo uma das maiores preocupações, sempre buscando a perfeição, a possibilidade de passar por mulher, e não qualquer mulher, mas uma mulher bonita e desejável, branca e burguesa.

A escolha pelo gênero feminino é objeto de repulsa maior porque anuncia a renúncia ao que de melhor uma sociedade heteronormativa oferece

aos indivíduos, encarnado no ideal de virilidade conforme aponta Miskolci (2002/2003). Ao agir desta forma as travestis não estariam (estamos) apenas tentando moldar o corpo para evitar o rótulo do desvio em relação ao gênero feminino, mas também em relação ao feminino, já que o ideal de feminilidade a ser a ser seguido é o da mulher branca e burguesa.

Essas transformações dos corpos são refletidas no espelho diariamente como reprodução ou duplicação do que os desejos submetem, elas se tornam visíveis para si próprias e para o mundo; cujo exterior passa a ser uma espécie de moldura que permite ir se adequando ao que a faz sentir-se bem consigo mesma, o fato de ter uma aparência feminina. Ao mesmo tempo, representa um vilão que, ao não desvendar a mulher desejada, evidenciando os traços masculinos que ainda persistem, demandando reiterados esforços para reconstruí-lo de maneira a apagar os traços que remetem a um passado que não se quer mais vivenciar. Deste momento em diante, iniciam-se as transformações recorrendo-se a vários métodos de transformação, desde o ato de vestir-se de mulher até a mais completa transformação com a utilização de silicone (industrial ou convencional). Esse processo possibilita uma observação da realidade social das travestis que se utilizam de uma série de técnicas/táticas para conseguirem se reconhecer como femininas.

A partir deste momento, um dos fatores primordiais para a visibilidade deste corpo em construção é a questão da indumentária que se estabelece como um elemento simbólico de fundamental importância na definição das identidades das travestis. Neste aspecto, o corpo que se monta, se veste, ou melhor, se “traveste”, se legitima como sendo o definidor do gênero.

Por conseguinte, se faz necessário perceber que os significados atribuídos as vestimentas não se resumem ao ato de vestir-se “femininamente”, mas representam uma possibilidade de apropriação identitária. Entretanto, é bom lembrar que o fato de vestir-se de mulher 24 horas do dia não define o indivíduo como travesti, pois há travestis que não conseguiram “realizar-se como mulheres”, por uma série de fatores, principalmente o econômico, se há dependência financeira de seus familiares, já que o modo de vida travesti não é barato, necessitando de aqué (dinheiro) para o próprio sustento ou mesmo de familiares (mãe/pai/irmãos/ãs), os quais não aceitariam que o seu filho/a ou

irmão/ã torne-se travesti principalmente pela associação que comumente se faz entre travesti e prostituição.

O processo de aceitação das próprias travestis perante familiares e a sociedade como um todo passa a constituir uma relação de aceitação *versus* negação de suas identidades de gênero feminina. Esse conjunto de mudanças hormonais, não é algo tão fácil e aceitável como aparenta ser. O processo de auto aceitação é marcado pela experiência da reação da família, amigas/os e em todos os espaços frequentados, geralmente marcada por preconceitos e discriminação. Assim, durante esse passo importante de decisão, as fragilidades estabelecidas nas relações fazem com que as mesmas não tendo condições de enfrentar a todos, tentem viver da maneira que lhe proporcione pertencimento ao segmento das travestis.

É muito comum durante o processo de transformação elas iniciarem uma ruptura com o universo familiar, pois a não aceitação no seio da família às levam-nas a buscarem vínculos afetivos nas ruas, com outras travestis, transexuais e gays, não havendo aproximação com as lésbicas que, segundo as próprias travestis em diálogos comigo, informaram que as lésbicas são muito duronas e de difícil convivência, afim de obter ajuda ao processo de transformação, inclusive emocional, ao mesmo tempo em que lhes possibilita sobreviver nos espaços da rua, no meio social de forma que possam suportar conviver com fatos negativos como piadas, risos e xingamentos para aquele corpo em transformação.

A existência do preconceito, a discriminação e as diversas formas de violências direcionadas para os LGBTTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) são constantes e em todos os espaços, mas especificamente para as travestis e transexuais, pois o fato de construírem seus corpos, suas maneiras de ser, expressar-se e agir não passam despercebidas. Neste sentido, se tornam sujeitas às piores formas de desprezo, abuso e violência. Abordando a exclusão e abjeção destes grupos, é possível visibilizar tais situações e interpelar a sociedade para outras condutas com relação ao grupo em questão.

### **3. Corpo em transformação e reconhecimento**

Segundo SILVA (1993), para as travestis o principal trabalho a ser desenvolvido é a correção de sua própria natureza, pois a partir do momento que não mais se suporta uma existência “estereotipadas” num corpo masculino dá-se início a construção de estratégias para livrar-se do que é indesejado, à negação de si mesmo como sujeito puramente biológico, as transformações corporais para se adequar ao que se identifica como feminino.

A construção do corpo da travesti espelha-se na imagem feminina. Essa imagem, porém, em nenhum momento é tomada como acabada e absoluta, sempre variando, se processando, uma feminilidade em construção permanente que vai se transformando por meio das formas corporais, cada vez mais remodeladas pela ingestão de hormônios e aplicação de silicone, mas também pela depilação, maquiagens e adoção de maneirismos (PERES, 2009, p. 254).

A motivação para a transformação destes corpos masculinos em femininos é representada pela busca do corpo visualmente sexy, sedutor, sensual que desperte nos homens o desejo e nas mulheres a admiração, quando não a inveja. Corpos moldados e induzidos ao modo de viver como se fossem uma obra de arte que sempre pode ser recriada e melhorada de forma a ter sempre o encantamento dos que a vêem. E principalmente da própria travesti que se vislumbra por seus aperfeiçoamentos.

A identificação das travestis é algo bem marcante, pois hoje é comum encontrarmos meninas que afirmam terem se deslumbrado pela trans e intersexual Roberta Close, uma intersex/trans que na década de 80 ficou muito conhecida por ser a primeira transexual a sair em uma revista feminina de nudez, tornando-se em 1984 capa da Revista Playboy, considerada até hoje uma das mais vendidas do Brasil, fato que a levou para a imprensa e mais à frente em todos os canais de televisão da época<sup>2</sup>.

Mesmo com certa resistência, Roberta Close lhes serviu de inspiração para tornarem-se o que desejam ser, já que muitas travestis sonhavam com aquele corpo feminino construído, cuja perfeição era tanta que todos/as

---

<sup>2</sup> Segundo Pino (2007), o termo intersexual é utilizado para referir-se a designação de pessoas que nascem com corpos que não se encaixam naquilo que entendemos por masculino e feminino, que evidenciam restrições das identidades de gênero ao binarismo masculino e feminino, além de situar entre o que é normal e patológico. Desta forma, há uma resistência dentro do próprio movimento LGBT em relação a pessoas intersexuais, por legitimar a patologia em relação ao grupo. Pois ao considerar um ato cirúrgico para a mudança da genitália em relação à escolha do sexo que deve prevalecer, é uma forma de recair a uma patologia como forma de ser um desvio a ser corrigido.

confundiam-se em relação a ela, percebendo-a como mulher e não como uma travesti/transsexual. Esse fator de semelhança ao feminino habita a mente de todas nós travestis de maneira a nos incentivar no trânsito de suas identidades, no percurso do devir.

As transformações dos corpos através de processo da feminização iniciam-se com a extração dos pelos da barba, pernas e braços. Simultaneamente, começa a deixar o cabelo crescer, vestir-se de mulher 24 horas do dia e após esse processo inicia-se a utilização dos hormônios femininos (pílulas e injetáveis) e até mesmo a aplicação de silicone em algumas partes do corpo, principalmente nádegas e seios.

O processo de eliminação dos pelos inicia-se com sessões de eletrólise, que é a passagem de correntes elétricas através de uma agulha e que vai sendo injetada na pele onde existem os fios de barba. As travestis afirmam que não gostam deste procedimento, pois é muito doloroso e demorado, por vezes levando anos até que se obtenha o resultado esperado. A grande maioria delas prefere mesmo a utilização da pinça, esta que lhe garante mais tempo até que os pelos voltem a crescer.

Interessante perceber o que a imagem passa através do espelho, desvendando o que elas procuram esconder, pois lembro-me de Patrícia<sup>3</sup>, travesti paraibana com quem compartilhei viagem e hospedagem durante a II Conferência Nacional de Políticas Públicas e Direitos Humanos de LGBT, realizada em Brasília em dezembro de 2011. Mesmo tendo se produzido poucas horas de embarcarmos para a Conferência tão logo chegamos ao quarto à primeira providencia que tomou após colocar a mala no chão foi pegar uma pinça e correr ao espelho em busca de algum pelo “traidor” que viesse a desvelar uma realidade que se pretende apagar. Ao questioná-la a respeito do que tinha visto ela afirmou “que todos os dias retirava os poucos pelos, pois mulher de bigode nem o diabo pode”, brincando com um ditado popular comumente associado às mulheres “biológicas”.

Para além da tentativa de desaparecer com a barba, ainda há a questão do uso da maquiagem para esconder de forma definitiva o que está sendo exposto pela “natureza” biológica; que tem como utilidade o embelezamento

---

<sup>3</sup> Nome citado, pseudônimo em função de não expor sua pessoa.

cuja utilização segue toda uma estratégia para feminizar o rosto, como por exemplo, a tentativa de deixar os traços faciais mais finos com contornos femininos, ou arredondados nas bochechas, na maioria das vezes, diminuindo o nariz, dando uma arredondando no rosto, aumentando os lábios de forma realçar traços de sensualidade atribuídos as mulheres, de forma a fazer surgir uma imagem “natural” construída para o feminino, algo mais delicado, que possa levar os olhares de homens e mulheres para a admiração do que está sendo exposto. Assim,

A maquiagem é o grande trunfo das travestis, base, pó, corretivo... São essenciais (eu não saio sem tá de base e pó) aconselho você não exagerar na maquiagem, pois se exagerar vai ficar muito em evidência que é travesti, porque os traços masculinos por si só já são meio exagerados, então nada de make de Drag Queen... Maquiagem discreta. (WATSON, 2012).

Há uma preocupação em não exagerar na maquiagem para não se obter justamente o efeito contrário, ressaltando traços masculinos invés de apagá-los. Ao mesmo tempo em que o uso da maquiagem passa a ser indispensável, pois à medida que se utiliza a mesma para se ter uma aparência feminina, ela por si só não desempenhará a função desejada, necessitando do complemento dos cabelos, que devem ser sempre compridos, tratados, bem pintados, escovados. Quando não se pode tê-los dessa forma, uma grande maioria recorre à utilização de perucas, desde aquelas feitas com cabelos naturais até as sintéticas, que não deixam de parecer-se com a fibra capilar. As perucas apresentam um custo bastante elevado. As de cabelos naturais chegam a custar entre R\$1.200,00 a 3.000,00, já as de fibra sintética, como é o exemplo das perucas estoril, oscilam entre R\$ 270,00 a 450,00, quase idênticas a fibra capilar. Existem ainda as de kanekalon, fibras sintéticas com fios bem finos, textura lisa, porém muito opacos e exageradamente brilhantes. Esse tipo de material é utilizado para a confecção de cabelos de bonecas, uso de cosplay (é um hobby que consiste em fantasiar-se de personagens de quadrinhos, games, e desenhos animados japoneses) etc. São geralmente utilizadas por aquelas que não têm condições de utilizar das mais caras ou modernas.

### **3.1 Mudanças corporais e os dispositivos utilizados**

Após o trabalho no rosto, prossegue-se com a transformação da estética do corpo, através de um processo laborioso e doloroso, seguidos de procedimentos como

eletrólise, depilação, enxerto de silicone, injeção de hormônios, maquiagem, vestuário, maneiras de andar, modos de sentar, imitação na voz, exercícios de postura, com suas decorrências imprevisíveis – ou pelo menos indesejáveis - , tais como furúnculos, anemia provocada pelos hormônios (há quem até fale de leucemia) [...] A voz que “acorda” grave e todo o esforço diário no sentido de agudizá-la, refreá-la nos sussurros e falsetes. A difícil e penosa sustentação nos saltos altos, um suplício para experimentadas mulheres (SILVA, 1993, p. 130).

Todo esse processo se constitui em maneiras de fabricação dos corpos, que perpassa por construções sociais e psicológicas dos gêneros. Desde o uso de pireli (enchimento de espuma) que algumas passam a utilizar ao iniciarem suas transformações, pois algumas mesmo com o uso dos hormônios não obtêm o corpo feminino desejado, outras apresentam o desenvolvimento mínimo, muito aquém do desejado, de seios e/ou de quadris, mesmo com o uso dos hormônios, tornando-se necessário o uso do enchimento para dar a imagem de mudança.

Ao iniciarem a utilização dos hormônios, primeiramente com o uso de antiandrógenos, responsáveis por bloquear os efeitos da testosterona no organismo e impedir a masculinização, como por exemplo, o ciproterona ou espiroctonalona, aldactone e androcur, que agem de forma a reduzir a testosterona, provocando a diminuição da libido.

Segundo GONÇALVES (2011), para que o resultado tenha eficácia, é necessário associar o antiandrógeno a um medicamento com estrógeno, hormônio responsável pelo comportamento “feminino”, determinando a feminilidade, agindo sobre as células, anatomia e comportamento. Ele também age sobre o crescimento das células, pois as induzem a se proliferar, aumentando o tamanho de músculos, vagina, mamas, glândulas, quadris, coxas, dando um formato ovóide a essa região, diferentemente dos homens, que possuem a região do quadril afunilada. Possui função no crescimento de pêlos pubianos, desenvolvimento de pequenos e grandes lábios e deposição de tecido adiposo. Portanto, é o estrogênio que promove as características físicas femininas.

A associação dos antiandrógenos com os estrógenos fornece o resultado esperado para a construção dos corpos femininos através da hormonioterapia. Dentre vários, o mais utilizado é a perlutan (um anticoncepcional de uso injetável, no geral devendo ser utilizado uma vez por mês), embora uma parcela considerável utilize a cada quinze dias na perspectiva de acelerar os efeitos que produz. Em geral só a utilização da perlutan com um antiandrógeno já daria um resultado muito bom ao corpo das “meninas”, muitas delas, porém, utiliza um verdadeiro coquetel de medicamentos – androcur, etinilestradiol, valerato de estradiol, dentre outros – o que pode de dar uma alteração emocional das usuárias desses tipos de medicamentos, tendo em vista que não passam por um/a endocrinologista para evitar efeitos em seu organismo.

Os efeitos de tais coquetéis improvisados no organismo passam pela redistribuição da gordura corporal, diminuição da massa muscular/força, amolecimento e diminuição da oleosidade da pele, diminuição do libido/desempenho sexual, diminuição das ereções espontâneas, crescimento dos seios, tamanho reduzido dos testículos, produção reduzida de espermatozoides, alteração de voz, redução do crescimento do pelo terminal. Ao mesmo tempo em que oferecem uma grande quantidade de benefícios no que concerne a transformação dos - como é o caso do crescimento dos cabelos, afinação de traços faciais, pernas mais torneadas, quadril mais arredondado, etc. – também trazem uma série de efeitos nocivos, sendo registrada a ocorrência considerável de casos de trombose, câncer de mama e de próstata, proliferação de vários tipos de tumores, hipertensão, embolia pulmonar, alteração da função hepática, câibras, etc. Por mais que sejam danos considerados graves ao organismo humano, todos esses efeitos negativos não são vistos como empecilhos para que se obtenha um resultado concreto de transformação.

No caso de não haver alteração corporal recorrendo-se simplesmente ao uso da hormonoterapia, procede-se a utilização do silicone, seja aquele adequado às normas de segurança para a saúde ou aquele destinado ao uso industrial. Para quem pode pagar encontra-se disponível o silicone, utilizado pela maioria das mulheres que fazem uso, além do espaço seguro para a realização do ato cirúrgico. Para quem não tem como pagar resta recorrer às

bombadeiras clandestinas, travestis que fazem o processo de bombar (injetar o silicone industrial no corpo de outras travestis). O uso deste material é específico para impermeabilizar azulejos, lustrar pneus e painéis de carro. É uma espécie de óleo no qual a bombadeira através de uma seringa passa a injetar em pequenas quantidades em travestis e transexuais para turbinar seus corpos, o que significa torná-los mais femininos. No documentário “bombadeira”, produzido no estado da Bahia pelos diretores baianos Luis Carlos de Alencar e Eduardo Coutinho, a fim de mostrar como travestis e transexuais sentem-se em seus corpos e as estratégias utilizadas para transformá-lo. Durante o documentário algumas falas proporcionam a realização do que elas sentem após o ato de bombação:

A bicha ta lá sentindo dor e ta aguentando, ela está sentindo a dor, mas sabe que vai ficar bonita. É uma “dor da beleza”, é o que a gente diz. Pra pintar o cabelo, pra puxar, pra furar uma orelha, para isso aqui tudo é a “dor da beleza”. Você sente a DOR sai queimando, tem que sentir queimar ali, tem que agüentar, mesmo tomando anestesia, ainda assim sente entrar queimando sua pele. (SAMARA, travesti entrevistada no Documentário Bombadeira).

Por mais que saibam da dor imensa, utilizam-se do recurso que dispõem para conseguir um corpo torneado, arredondado, feminino. Trata-se da realização do sonho de se olhar no espelho e ver seus corpos, nem o risco de perder a vida importa para concretizá-lo, pois

A travesti só consegue mudar o seu corpo através da bombadeira, que se torna a sua única, o único escape, a única esperança para essa travesti, por conta que a prótese, a mudança do corpo através da prótese pelo meio convencional é muito caro. Então o papel da bombadeira para a travesti, não para a sociedade é muito importante. (CELINE, travesti entrevistada no Documentário Bombadeira).

Pelas razões apresentadas torna-se de fundamental importância a implementação de uma rede de atendimento para o público das travestis e transexuais no intuito de amenizar impactos provocados pelo uso de técnicas e recursos desprovidos de segurança à saúde das mesmas. Na Paraíba, no dia 24 de julho de 2013 foi inaugurado pelo Governo do Estado o primeiro ambulatório de saúde para transexuais e travestis do Nordeste. O serviço foi localizado no Hospital Clementino Fraga no bairro de Jaguaribe, município de João Pessoa, capital do estado, que estará prestando serviços com

profissionais de endocrinologia, ginecologia, e cirurgia plástica como forma de atender ao público alvo. Além disso, foi assinada também a Portaria nº 32.159/2011 em 26 de maio de 2011, com o intuito de assegurar tratamento nominal e a inclusão do nome social de travestis e transexuais em todos os procedimentos, atos e registros relativos a serviços públicos prestados em âmbito estadual.

Todo este processo de mudanças deve ser acompanhado por profissionais qualificados/as para que possa haver um acompanhamento destes corpos em trânsito a respeito das mudanças realizadas. Ao mesmo tempo em que seja realizado um trabalho de auto-afirmação para que possam sentir-se amparadas em relação à segurança pessoal, pois em uma sociedade perpassada por transfobia (desencadeada pela abjeção a travestis e transexuais), são expressões discriminatórias cotidianas, através da injúria proferida as travestis.

Para as travestis, o corpo em mudanças passa a ser justificativa da violência, dando origem às diferenças, como em algumas falas ouvidas em reportagens no meio familiar, nas ruas, como por exemplo, “o cara nasce homem e quer ser mulher” ou “ cria vergonha na cara veado”, discursos que tentam impor um reenquadramento em relação a ordem heteronormativa, num processo em que

diferenças são usadas para constituir identidades tidas como boas e ruins, positivas e negativas, normais e anormais, tornando justificável a aplicação de medidas que visem ajustar aquelas apresentadas de forma negativa pelas quais vários dispositivos agem para que essa discriminação seja legitimada e não percebida como uma violação de direitos (COSTA, 2011, p. 01-02).

Esses discursos são atribuídos a quem não se pauta pela heteronormatividade, aqueles corpos abjetos que deveriam se enquadrar as normas como tentativa de se livrarem das formas de violência proporcionadas pelo estranhamento de suas vivências. Os crimes de transfobia são ocultados em nossa sociedade, pois o que prevalece é o uso do termo homofobia de maneira que enquadra todos/as os/as LGBTTs, como se fossem a mesma coisa. Por exemplo, a homofobia no Brasil é visibilizada a partir dos dados dos movimentos LGBTTs, e como a grande maioria que estão à frente são homens/gays passam a difundir a política tendo como centro o masculino. No

ano de 2010 foram registrados 266 assassinatos, sendo 11 só na Paraíba; em 2011 foram 266 casos, sendo 18 na Paraíba; em 2012 foram 338 casos, sendo 12 apenas na Paraíba. De janeiro a maio de 2013 foram registrados só na Paraíba 8 casos de homofobia e como fica o quantitativo de travestis e transexuais nesta contabilidade?

Um homossexual pode sofrer homofobia pelo fato de ser um homem que se relaciona com o mesmo sexo. No entanto, travestis e transexuais sofrem um tipo de fobia associado ao terror da perda do gênero e não se sentem gays por isso, mas mulheres que relacionam com homens, portanto também heterossexuais. Dessa forma, o termo homofobia não nos representa. Além disso, travestis e transexuais sofrem discriminação mesmo nos movimentos sociais onde buscam abrigo para se fortalecer na luta contra a transfobia. No movimento LGBT são vistas pelos gays como bichas que se vestem de mulher, sujeitos estranhos, que se utilizam das formas femininas para “catar” homens na noite, tornando-se objeto de discursos de repúdio e aversão carregados de misoginia (desprezo ou repulsa ao gênero feminino), presente em nossa cultura, que toma o feminino como algo inferior, fútil, ridículo, em oposição assimétrica ao masculino/homem, tomado como ser superior.

Além disso são também criticadas e recusadas em boa parte do movimento feminista, como apontam ADRIÃO E MALUF (2011) ao analisarem a controversa participação de transgêneros no Encontro 10 Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe em 2005. Neste caso, além de não serem consideradas “mulheres de verdade” são duramente criticadas por reproduzirem os estereótipos de gênero associados à construção da mulher e da feminilidade. Neste caso creio que cumpre perguntar se a própria construção da masculinidade e feminilidade e suas associações com a construção do que é ser homem e o que é ser mulher, em si não seria um ato de produzir estereótipos? Afinal, existe um modelo original, verdadeiro do que é ser homem e o que é ser mulher? Se a travesti é tomada como cópia estereotipada do feminino, o que seria o original; existe uma versão original da mulher para ser imitada?

Com esses questionamentos tento finalizar minhas reflexões observando que a presença e reprodução de tais contradições dentro do movimento LGBT e feminista, como se as travestis/transexuais maculassem a imagem de gays,

feministas e do próprio movimento, tem culminado com uma invisibilidade que apresenta conseqüências perversas para suas/nossas vidas, sem esquecer de que lésbicas sobretudo as que se aproximam dos construtos de masculinidade também passam situação semelhante. Tal realidade suscita reflexões muito profundas, mas por hora limito-me a observar que deve ser tomada como indicador de que necessitamos urgente reavaliar os marcos epistemológicos e teóricos que tem embasado nossa atuação política; como temos construído nossas agendas e qual o impacto que apresentam a uma ordem social heteronormativa, sob pena de, ingenuamente, estarmos fortalecendo o inimigo contra o qual pensamos combater.

### **Considerações Finais**

Considerando o que foi discutido no transcorrer deste trabalho foi possível identificar as estratégias construídas pelas travestis para a construção de seus corpos. O corpo que é o seu objeto de mudanças e continuidades, sendo ele enquadrado em um sistema de pertencimento à medida que se TRANSformam, de maneira a estabelecer formas de convivência para cada uma de nós.

Através da produção deste artigo foi possível identificar que, nós travestis perpassamos um logo caminho cheio de questionamentos por parte da sociedade que não nos reconhecem enquanto mulheres, e que passam a construir discursos de maneira a deixar-nos invisibilizadas no meio social. E por mais rechaçadas que sejamos os nossos desejos falam mais alto do que qualquer outra coisa. E o que importa é onde podemos chegar através do trajeto das identidades em trânsito.

### **Referências**

ADRIÃO, Karla Galvão; TONELI, Maria Juracy Filgueiras; MALUF, Sônia Weidner. **O Movimento feminista brasileiro na virada do século XX: reflexões sobre sujeitos políticos na interface com as noções de democracia e autonomia.** Estudos feministas, Florianópolis, 19 (3), setembro-dezembro de 2011, p. 661-681.

- ALENCAR, Luis Carlos de. Documentário: **Bombadeira** – Salvador: Petrópolis. 2007, (75 min).
- BARRETO, Andreia; ARAÚJO, Leila; PEREIRA, Maria Elizabete. **Gênero e Diversidade na Escola**: Formação de professoras/ES em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPB, 2009.
- BENEDETTI, Marcos. **Toda Feita**: o corpo e o gênero das travestis. [Mestrado em Antropologia Social] Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- BUTLER, Judith. **Corpos que Pesam**: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.
- COSTA, Jussara Carneiro. **Apontamentos para uma Discussão sobre Gênero, Sexualidade e Direitos Sexuais e Reprodutivos**. In: III Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais: olhares diversos sobre a diferença. 2011, João Pessoa. P. 15.
- BUTLER, Judith. **Corpos que Pesam**: sobre os limites discursivos do “sexo”. LOURO, Guacira Lopes (Org.): **o corpo educado. Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica. 2000, p. 153-172.
- \_\_\_\_\_. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II**. O Uso dos Prazeres. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1984.
- GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: Cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.
- MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica. Editora: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto. 2012. (Série Cadernos da Diversidade; 6).
- \_\_\_\_\_. **Reflexões sobre Normalidade e Desvio Social**. Estudos de Sociologia, Araraquara, 2002/2003, p. 109-126.
- NOLASCO, Sócrates. **O Mito da Masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- PELÚCIO, Larissa. **Na noite nem todos os gatos são pardos**: notas sobre a prostituição travesti. Cadernos Pagu (25), julho-dezembro de 2005, p. 217-248.
- PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. **A teoria queer e a Reinvenção do corpo**. Cadenos Pagu (27), julho-dezembro de 2006: p. 469-477.
- PERES, William Siqueira. **Cenas de Exclusões Anunciadas**: travestis, transexuais, transgêneros e a escola brasileira. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz et. AL (Orgs.). **Diversidade Sexual na escola**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, UNESCO, 2009. p. 235-263.
- PINO, Nádia Perez. **A teoria queer e os intersex**: experiências invisíveis de corpos dêis-feitos. Cadernos Pagu (28), janeiro-julho de 2007, p. 149-174.

RAGO, Luzia Margareth. **Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SANTOS, Jocélio Teles. **Incorrigíveis, Afeminados, Desenfreados: indumentária e travestismos na Bahia do século XIX**. Revista do departamento de Antropologia – UFBA. Disponível em: , acesso em 03/03/2011.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, vol. 20, nº 2, Porto Alegre, jul-dez 1995, p. 71-99.

SILVA, Hélio R. S. **Travesti: a invenção do feminino**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ISER, 1993.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**/Tomaz Tadu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 9. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

STOLLER, Robert. **Masculinidade e Feminilidade: apresentações de gênero**. Porto Alegre: Artmed, 1993.

VANNUCHI, Maria Lúcia. **A Construção das Identidades de Gênero**. Caderno espaço feminino. V.23. n.1/2, p. 61-77, 2010.

WATSON, Josyane. Diário da Josiane. Dicas para quem quer se transformar em travesti. Disponível em: <http://diario-da-josyane-watson.webnode.com.br/dicas-para-quem-quer-se-transformar-em-travesti/>

**Acessado em 23 de Julho de 2013.**

GONÇALVES, Fabiana Santos. Estrogênio. Disponível em: <http://www.infoescola.com/hormonios/estrogenio/> **Acessado em 25 de Julho de 2013.**

<http://hormoniosparatranssexuais.blogspot.com.br/> **Acessado em 04 de Setembro de 2013.**